

## INFORMAÇÃO E CONTRACULTURA: NARRATIVAS SOBRE O MOVIMENTO HIPPIE\*

Do ponto de vista da Ciência da Informação, conceitos como cultura e informação devem ser analisados de forma interligada. Mesmo que a informação possa ser definida, como um intercâmbio, uma medida de redução de incertezas, sobre um determinado estado de coisas por intermédio de uma mensagem<sup>1</sup>, sabemos que muito mais que instrumento auxiliar dos atores sociais em suas problemáticas de vida, informação é um meio e como tal só poderá atingir seu potencial transformador de estruturas (mentais e sociais) mediante processos críticos da responsabilidade do papel social que desempenha. Uma vez que divulga, fixa ou estabiliza formas culturais e estilos de vida, está, diretamente comprometida com a divulgação ideológica e com a sustentação dos direitos básicos, tendo papel estratégico na construção da sociedade igualitária. Esta forma de ver coaduna-se com as idéias que vêm tomando corpo como resistência, principalmente, a partir dos anos 60 do século passado, através do movimento social da juventude conhecido como *movimento hippie*. Os *hippies* se opuseram à cultura ou à ordem estabelecida sob forma de desobediência civil, recusavam a experiência da modernidade: a descrença no progresso da sociedade tecnocrática é o motivo da “grande recusa” à qual Marcuse (1968,p.133) se refere e o que leva Roszak(1972) a defender o hippismo, como uma chave para a solução dos problemas desta sociedade. Diz ele:

*Do meu ponto de vista pessoal, mais do que merecer atenção, a sociedade necessita da contracultura. ( ... ) Não sei onde poderemos encontrar, salvo entre esses jovens rebeldes e seus herdeiros das próximas gerações, a insatisfação radical e a inovação capazes de transformar essa desnorteada civilização em algo que um ser humano possa identificar como seu habitat (Roszak:1972,p.8) .*

Atualmente este assunto retorna aos meios intelectuais e populares como uma questão crucial para se manter liberdades de expressão e a diversidade cultural, combatendo a hegemonia de uma mídia que impõe a globalização dos sistemas culturais. Michael Löwy, no Fórum Mundial de Porto Alegre abriu o debate fazendo uma crítica à mídia mostrando o resultado da cultura transformada em mercadoria: “hoje toda a produção cultural humana deve ser transformada em lucro”. Em contrapartida a essa realidade foi criado o **Observatório**

---

\* O título original da pesquisa que originou este trabalho é Fragmentos de Memória Hippie no Rio de Janeiro (1968-1974), o qual constituiu dissertação do curso de Mestrado em Memória e Documento da Universidade do Rio de Janeiro, sob a orientação das professoras Icléia Thiesen Magalhães Costa e M<sup>a</sup> José de M. Wheling (2000) autora: Maria Manuela Alves Maia e-mail: malvesmaia@aol.com

<sup>1</sup> FERREIRA, A. B. H. de. Novo Dicionário Aurélio.

**Internacional da Mídia** que, de acordo com o diretor do Le Monde Diplomatique, Ignácio Ramonet, têm como objetivo “... *ser uma arma contra o super poder da mídia. Enquanto os grandes veículos pertencem à globalização, esta iniciativa pertence aos movimentos sociais internacionais. A comunicação será dos povos do século XXI*”.

Essa constatação otimista, onde os movimentos sociais vêm, gradativamente, incorporando soluções alternativas a essa hegemonia midiática, faz lembrar debates em torno da massificação cultural do final dos anos 60 e início dos 70. Neste propósito este ensaio informa algumas idéias a respeito da ligação dos atores com o *Hippismo* através da literatura existente e das narrativas de pessoas que vivenciaram a experiência de “ser hippie” no rio de Janeiro entre 1968 e 1974.

O termo contracultura, na década de 60, foi aplicado para designar os movimentos sociais de oposição ao *status quo*, são as famosas “minorias”, das quais os jovens fazem parte. A oposição jovem foi composta por duas vertentes específicas saídas, pelo menos em princípio, do seio das classes médias: os que faziam oposição declarada ao governo através de partidos, facções de esquerda expressada principalmente, no movimento estudantil e outra pela via comportamental tentando construir uma outra cultura - *os Hippies*<sup>2</sup>.

Sem a pretensão de interpretar causas e porquês da contestação *Hippie* acontecer em sua total dimensão principalmente porque, enquanto *acontecimento* as contestações podem ser expressas de imprevisíveis maneiras, é importantes descrever o cenário em que este se passa, ou seja, mostrar a “crise de ideologias” instalada. Portanto, antes de expormos suas lembranças, refletimos sobre a conjuntura histórica desse período.

Em termos políticos e econômicos no Brasil, de acordo com estudos de Santos (1986), entre 1964 e 1972, a economia enfrentava uma grande recessão, e *a restauração autoritária de 1964 não ameaçou deliberadamente a velha ordem. Mas o estilo radical de administrar o velho modelo – centralizado, brutalmente acumulador, socialmente iníquo e altamente regulatório – abreviou o tempo necessário para a sua exaustão e propiciou a emergência de realidades sociais incompatíveis com a ordem cinquentenária*(*ibid*,p.16).

Diante da necessidade de substituição das velhas formas administrativas, desenvolveu ou aumentou as tensões existentes:

As pressões contemporâneas no sentido de superar os restos dos traços autoritários recentes implicam, ao mesmo tempo, (*sic*) em um esforço para substituir instituições e

---

<sup>2</sup> Essas duas formas de oposição ao sistema capitalista, estão em Foracchi(1972).

padrões de relações políticas e sociais enraizadas em um passado de meio século. Isto é, talvez, o que distingue a transição brasileira no contexto mundial, o fato de que a transição não pode ser apenas política – e o que aumenta o número de tensões que permeiam a ordem em emergência.(Santos, 1986,p.16)

Essas tensões acabam por desencadear uma crise ideológica capaz de fazer surgir inúmeras possibilidades de reações diferentes.

Até 1968, apesar dos decretos arbitrários, havia uma resistência ao governo através dos partidos políticos e facções de esquerda (mesmo na clandestinidade) e estudantes. A partir desse ano como registra essa autora, especificamente no que veio a ser chamada de “Sexta-feira sangrenta”, o Rio de Janeiro acordou para o insólito: a morte do estudante Édson Luiz. O jornal Correio da Manhã (30/03/68,p.1 e 9) trouxe a comovente declaração dos estudantes: “Nesse luto, a luta começou”. Assim, iniciou-se um período de guerra, cuja expressão máxima estava na instituição da tortura, da violência e da morte. “Como jamais se viu em nossa história”. (idem,p.26) Essa morte atingiu a classe média, provocando que a mesma refletisse sobre a atuação do governo e tomasse uma posição. Dessa forma, parte da Igreja Católica assumiu publicamente a contestação aderindo à resistência, associando-se aos artistas e intelectuais de esquerda, entre eles os jornalistas, através da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). A morte do estudante foi portanto, *um divisor de águas separando definitivamente o Estado autoritário da “sociedade civil”*.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, é fundamental perceber o clima de terror manifestado nos mínimos detalhes da vida da cidade. É sintomático que as referências orais e escritas expressem sempre esse clima de obscuridade: “os anos de chumbo”, “sob o signo do medo”, “uma cultura do medo”. Esse medo tornou-se patológico e, espalhado sem reservas na vida pública, invadiu a vida privada, tornando-se, nas análises da autora em questão, uma das causas que patrocinaram a permanência dos governos ditatoriais. A população de repente se viu obrigada a conviver com desaparecimentos, torturas e assassinatos que não tinham lugar nem hora para acontecer.

Alves(1985) registra que só em 16 de junho de 1969 foram detidas *previamente* – que significava “para averiguações” – 6.000 pessoas no Rio de Janeiro. Considerou-se antecipadamente que todos eram culpados, até provarem o contrário. Soares (1997,p.60) escreve que o movimento de 64 puniu, até julho de 77, 4.682 pessoas através de instrumentos “legais” que ele mesmo criou. Esse autor tencionou mostrar que as causas das cassações não obedeceram a mesma lógica em todos os governos militares da época, mas que esta teve

grande variação no tempo, porque as políticas não foram as mesmas, assim como os grupos cassados dos direitos políticos não foram os mesmos.

Interessa mostrar que a população viveu esse período sempre sujeita a ser parada nas ruas, sem que merecesse explicações. Essas blitzes, como se chamavam, eram em sua maior parte feitas com muita violência, assistidas por uma população perplexa com “o grito abafado na garganta”, o qual, como testemunham as entrevistas feitas para esta pesquisa, “nunca mais saiu”. A violência muitas vezes não teve direção. Podia acontecer com qualquer pessoa indiscriminadamente, tivessem ou não ligações políticas.

Esse contexto de agitações abriu possibilidades da constituição de *ethos* culturais diferenciados, cuja expressão caracterizou os novos movimentos sociais que passaram a levantar a bandeira de negros, mulheres, jovens, índios, homossexuais e outras “minorias” que, segundo Sartre<sup>3</sup>, constituem as “novas vozes sociais”.

É evidente que as muitas formas de resistência, motivaram ou reforçaram a construção do ideário contestador internacional dos anos 60. Principalmente o êxito das revoluções de libertação nacional como: A Revolução Cubana (1959), a independência da Argélia (1962) e a guerra antiimperialista em desenvolvimento no Vietnã. (Ridenti,1997,p.12-13)

Esse ideário ajudou a construir o *ethos cultural* diferenciado dos jovens da época. A fala instituída sobre o hippismo o apresenta como um movimento de jovens provenientes da classe média que emergem a partir dos Estados Unidos durante as turbulências dos anos 60. Saíam de seus lares indo para as ruas ou se reuniam em comunidades rurais ou urbanas para por em prática ideais baseados na paz e no amor. Suas críticas eram dirigidas principalmente aos valores da sociedade tecnocrática e à Guerra do Vietnã. Procuraram dar forma ao que chamavam de vida alternativa, a vida fora da rotinização do trabalho, do consumo e da competição. Assim foram considerados alienados porque se reuniam para viver aquilo que bem desejavam sem, por exemplo, protestar abertamente como os jovens engajados nos movimentos estudantis dessa década.

---

<sup>3</sup> Sartre, J.P. In Fanon, Frantz, prefácio de Os Donos da Terra. 1968, p.3.

Reuniam-se para ouvir música, consumir drogas, estimulantes e desenvolver a sexualidade, pregando o amor livre e descompromissado das convenções sociais em rituais que se tornaram conhecidos como sexo, drogas e rock' n' roll.

O rock'n roll<sup>4</sup> tornou-se um símbolo de rebeldia entre os jovens do mundo ocidental e os seus criadores e executores são considerados ídolos da juventude. Entre estes pode-se destacar: Bob Dylan, Janis Joplin e Jimmy Hendrix. Foram importantes os grupos: Rolling Stones The Who e The Doors. Roszak (1972) aponta a contracultura e o hippismo, como

uma constelação cultural que diverge radicalmente dos valores e pressupostos que têm constituído os pilares de nossa sociedade pelo menos desde a revolução científica do século XVII(Ibid.,p.8).

Este autor, analisando o movimento no mesmo tempo do acontecimento, acreditava na energia de transformação do movimento e esperava o seu amadurecimento porque a contracultura poderia ser a solução dos problemas da sociedade tecnocrática. Nesse sentido afirma:

o fenômeno hippie é tão mais profundo que os modismos postos normalmente pelas novas gerações, que o que chamam de contracultura é considerado uma invasão bárbara, de aspecto alarmante(ibid,p.54).

Ao longo da década de 60 o hippismo foi difundido no mundo, deixando de ser fenômeno exclusivamente americano, aparecendo personagens de cabelos longos e roupas típicas por volta de 1967, coincidindo com outros movimentos culturais.(Tavares,1985,p.24)

Referindo-se ao hippismo no Brasil, Pontes(1984) e Maciel(1981) levam em consideração o contexto político gerado pelos governos militares que desde 64 haviam se instalado neste país. Este contexto, marcado pela repressão política, havia precipitado os novos movimentos sociais, demarcando um espaço de lutas que, em 1968, explodiu em reivindicações nos espaços públicos. Pontes aponta a contestação hippie como inerente ao sistema capitalista e conclui que

de todos os movimentos de rebeldia social foram precisamente os hippies o que mais opôs-se aos comportamentos

---

<sup>4</sup> O *rock* é um gênero musical proveniente da população negra americana que nas décadas de 30/40 migraram das fazendas do sul para os grandes centros urbanos dos Estados Unidos. O Blues, até então, uma música rural se eletrificou produzindo o rhythm and blues, que encantou os jovens brancos, como Elvis Presley. Vianna, H., O Mundo Funk Carioca, 1988,p.19.

estabelecidos e aprofundou a crítica social expressando-a (Pontes, 1984, p.12).

Maciel acredita que o hippismo é quase única opção diante da realidade opressora:

a contracultura foi uma coisa que as cabeças desvairadas e loucas dos jovens criaram em fase de necessidades concretas, reais, que estavam atravessando procurando uma resposta urgente, uma resposta necessária (Maciel, 1981, p.80).

E ainda: “*No Brasil o agente motivador da contracultura foi a ditadura militar por aniquilar pela força das armas as aspirações de uma sociedade mais justa.*”<sup>5</sup>

Evidentemente que estas visões possuem um cunho generalizante. O depoimento dos entrevistados oferece inúmeras variações e entrelaçamentos sobre as motivações que os levaram ao hippismo. Com a nossa pesquisa, como já afirmamos, não pretendemos definir a “verdade” de uma história que ficou no passado à espera de ser reencontrada, mas reconhecer que presente, passado e futuro são construções sociais e culturais.

Assim procuramos estabelecer as relações que as pessoas fazem com essas delimitações do tempo. Portanto, em nossa perspectiva, mais do que foi falado sobre o hippismo, o interesse está voltado para os falantes. Estes interpretam o mundo em relação direta aos padrões culturais do grupo ao qual pertencem, e não por uma visão universalista.

O encontro com o hippismo e a opção por “um novo tipo de vida” não se deu da mesma forma, nem pelos mesmos interesses. Os colaboradores apresentam histórias de vida bastante variadas. Em primeiro lugar vale destacar que a despeito das análises folclóricas psico-sociais espalhadas na época, em que o hippie aparecia como produto de “um pai alcólatra e uma mãe prostituta”, ao contrário, as pessoas envolvidas mostram ligações familiares estruturadas dentro do conceito de família estabelecido, ou seja, como aponta Sérvulo Figueira (1987), a família extensa.

As motivações, na maioria das vezes, estão ligadas à continuidade ou, apenas seguindo o curso do desenvolvimento da *rebeldia beat*. Para outros, irrompeu, sem pensar: podia ser apenas uma legitimação do que já se fazia.

---

<sup>5</sup> Depoimento deste autor ao Jornal do Brasil, Caderno Especial 68.03/05/98, p.6.

“o movimento é que me encontrou, eu já estava na estrada ... eu não procurei, apenas continuei meu modo de vida; a diferença é que agora tinha companheiros na estrada.” (Otto)

Para Marcus, o elemento de atração preponderante foi a música, mas já era influenciado pelo movimento beat:

*“...com 15 anos comecei a despertar para as coisas em função da música ... por causa da música eu fugi de casa. Mas antes em 62, 63 eu já estava identificado com os beatnicks. Depois é que vieram os hippies, alguns anos depois. Nessa época era difícil encontrar alguém identificado. Estava começando lá fora e chegando aqui também. Eu me identifiquei porque tinha tudo que eu gostava: sexo, drogas e rock. Mas eu não tinha consciência. ...” (Marcus)*

Para outra entrevistada, o hippismo se deu através de um grupo. Dulce conta que antes do hippismo estava envolvida com o “idealismo político”, na faculdade (estudava na Escola Nacional de Belas Artes). Ela conta que em um tumulto que houve no diretório acadêmico, entre a polícia e os estudantes, quase foi baleada. Por essa razão abandonou o movimento estudantil:

*“(...)depois me afastei desse movimento e parti para outro comportamento. Adquiri amizades com pessoas ligadas à cultura hippie. Eu tinha me casado, mas abri mão da vida de casada na minha busca de mergulhar no desconhecido. Eu fui influenciada porque a filosofia batia junto com os meus sentimentos. O que me encantava era o grito de independência da juventude, ter uma vida imprevisível ... uma vida que você não vai saber qual é ...” (Dulce)*

Como Dulce, as razões de Rubens são a impossibilidade de continuar suas atividades no movimento estudantil. Mostrando ressentimento, conta:

*“Bom, no meu caso não tinha mais opção ... nesse período não tinha mais o que fazer, não tinha condição nenhuma, deixei a universidade para lá porque tive que fugir depois que, trabalhando num projeto contra a ditadura militar... Existiam várias facções. Eu trabalhava*

*contra o reitor que era capitão de mar e guerra, numa época de alta repressão... 1968, trezentos alunos ... Recebemos o jubramento da universidade (UNB). Foram jubilados trezentos alunos e fomos vetados em outras universidades, só podíamos fazer um outro vestibular. Então não podia mais voltar para engenharia mecânica. Só faltava 3 semestres para me formar e ai eles me cortaram. Só fui estudar mais tarde. Veio da França o movimento. Eu já havia feito 7 períodos, já estava quase formado. A polícia federal entrou para reprimir, invadiu o Campus com cachorros policiais, aqueles escudos, deixaram todo o pessoal preso no restaurante e partiram para a repressão declarada. O Gumerindo Guimarães, líder do movimento estudantil em Brasília, foi preso e não sei o que fizeram com ele, só sei que vi quando o levaram encapuçado da Universidade. (Rubens )*

A falta de opção também é presente na memória de J.Carlos. Ele conta que se reunia com outros jornalistas num lugar chamado Solar da Fossa, onde hoje é o “Rio Sul”.

*“O Solar da Fossa era um casarão, na Venceslau Brás, que era conhecido como uma república de artistas e intelectuais. Lá morava o Caetano Veloso, Darlene Glória, alguns cineastas. Macalé também, de repente, morou lá. Nós nos reuníamos ali. Só que era um negócio meio utópico, fruto do romantismo porque o lugar era super pixado. Fazer reuniões clandestinas num lugar que era o berço da esquerda, quer dizer a qualquer momento podíamos ser denunciados e presos. Na época havia muita divergência, havia muita patrulha. Não só a patrulha da direita mas também a patrulha da esquerda devido às divergências sobre como agir para estabelecer uma resistência. Alguns defendiam a luta armada, a guerrilha urbana. Outros eram mais moderados, achavam que a barra estava muito pesada, colegas nossos sendo presos, torturados, os sindicalistas e achávamos que não havia condição de agir. Eu comecei a ter essa consciência na medida em que em algumas reuniões que a gente teve, o xiitismo era muito evidenciado. A cobrança, aquela coisa do “o que é isso companheiro?” , de não se poder discordar porque achavam que se estava fraquejando, que estava em cima do muro. E a qualquer*



*momento as pessoas podiam ser presas. Nós éramos um grupo de 5 jornalistas, onde discutíamos as idéias, elas eram transpostas de um núcleo maior de jornalistas que tinham ligações com organizações clandestinas. Eles passavam as informações para a gente, passavam as missões. Os tipos de missões eram variadas desde vender livro vermelho de Mao a fazer a divulgação e distribuição de manuscritos e publicações. Começaram as divergências O serviço de inteligência da época era muito sofisticado. Havia o know how americano da contra-espionagem. Eu cheguei a uma conclusão que disse não. Então eu vivi isso profissionalmente e abandonei. Resolvi saltar fora porque conversei muito com meu pai, que havia tido a experiência do partido comunista. Não que tivesse deixado de ser comunista, deixado de ser de esquerda, mas ele me disse sobre as pessoas se locupletavam do movimento, que havia muito romantismo e que a situação não era por ali. Ele falava: “ -meu filho você deve ter cuidado”. Meu pai sabia de tudo o que eu fazia. Então não dava. Eu já havia enfrentado essas paradas... existe um determinismo histórico nisso tudo... então... sai fora. Não desisti, saltei fora por que eu achava que não era a minha praia, não estava a fim de levar porrada, não estava a fim de ser torturado, estava trabalhando, meus pais dependiam de mim naquela época... e deu no que deu. Nós fomos derrotados, de alguma forma todo o mundo foi derrotado. Não havia como lutar contra o poder da força. Houve um certo desencanto... e então busquei o caminho hippie.*

Para outros entrevistados o imprevisível, a aventura da experimentação parecem ter importância:

*“O hippismo chegou para mim, como um vento ... passou por todos ... uns gostavam do cheiro e foram atrás, outros não ... Era como se fosse uma esperança, realizar desejos. Criar novos valores, pois o sistema de valores dados, não tinha razão de ser ... Ninguém me influenciou, o hippismo me tomou, era como uma coisa que já estava em mim.” (Cinda)*

Uma experiência natural, uma consequência. Como se o sentimento de perplexidade já estivesse há muito com ela e, viesse aos poucos tomando corpo. Foi consequência também em Peter:

*“Eu já vivia assim, meu pai, militar da marinha, queria que eu tocasse bandolim, eu queria tocar violão e guitarra... eu tinha que estudar direto bandolim. Além disso, eu morava na Ilha do Governador, mas tinha amigos em Jacarepaguá que estavam já numa de beatnik, então me mudei para lá . Sai de casa e fui me envolvendo. Depois é que veio a onda do hippismo, então não sei ... as coisas foram acontecendo. Fui para a estrada, acabei indo para os Estados Unidos estudei e toquei lá. Convivi com os hippies de lá. Depois voltei e estou nessa até hoje . Só que agora o meu instrumento mesmo é o bandolim”*  
(Peter)

Os depoimentos de Otto e Gêncy oferecem visões bem diferentes, que servem para abrir as interpretações generalizantes da rebeldia jovem. Para Otto, ser hippie era, entre outras coisas, deixar de ser sozinho:

*“Não fui eu que busquei o hippismo. Ele é que me pegou na estrada. Eu já estava lá. Desde 8 anos era hippie, só não sabia”.*

Na versão de Genecy podia ser também uma estratégia de sobrevivência:

*“Tinha meus 28 anos, mais ou menos, então o que acontece? Eu fazendo aniversário dia 10 de fevereiro de 69, não tinha um tostão para nada e já tinha um filho, ai eu digo: - meu Deus do céu! Mas eu já fazia alguma coisa em artesanato: bolsinha, cintinho e botava lá no canto. Eu andava muito em Ipanema... já tinha contato foi direto... eu freqüentava a praça General Osório. Eu tinha contato. Então o que aconteceu? Em 69 peguei uma bolsa, coloquei bolsinhas, cintos que eu fazia e deixava em casa. Dava de presente para os amigos, ai peguei aquilo e me deu uma luz: - bota na bolsa e leva para Ipanema. Ai eu levei, abri uma toalha branca no chão coloquei as bolsinhas, os cintos, no final do dia estava com trinta mil réis na mão. - A feira era*

*no chão, tudo no chão. - Eu sai com trinta mil réis na mão. Era dinheiro, na época. Cheguei em casa com o dinheiro. Eu estava trabalhando! E quando foi segunda feira, comprei uma manta de couro enorme e comecei. No outro Domingo fui para a feira com bastante mercadoria, trabalhei a semana toda. Tudo costurado na mão. Eu trabalhava a noite toda. Ai o que acontecia ?... já não voltei mais para o Colégio fui ser hippie...” (Genecy)*

Cada documento aqui elaborado, mediante a fala hippie, reflete uma trajetória de vida, narrada pelo sujeito que a viveu. Portanto, fica claro que não foi intenção procurar, a partir da reunião desses documentos, uma síntese obtendo a verdade<sup>(13)</sup> do hippismo. Cada testemunho monta a sua própria significação das coisas que lhe aconteceram, e como elas marcaram a trajetória de suas vidas. Através de suas impressões individuais, mostrará também, nos termos de Geertz, uma “rede de significações, onde outras vidas estão presentes. De acordo com o estudo de Denzin (1984,p.32):

*... uma vida é uma produção temporal que se estende antes, durante e depois do tempo de vida de uma pessoa. As vidas são propriedades biográficas, pertencentes a pessoas e a outros, inclusive instituições, Nações-estados, e até a uma parte do sistema mundial.*

Assim, há em cada narrativa/lembrança de vida uma multiplicidade de relações, cujas impressões individuais, nos termos de Halbwachs(1990), são também coletivas. Nesses termos, o conjunto dos relatos dos testemunhos, servem para mostrar não só significações comuns como rupturas, formando um corpo de idéias sobre o hippismo.

## **BIBLIOGRAFIA**

- 1 ALVES, Maria Helena M. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Rio de Janeiro : Vozes,1985. 337p.
- 2 CARVALHO, Marcus J. Entrevista n. 2. Rio ode Janeiro, 1999.
- 3 DENZIN, Norman K. Interpretando as Vidas de Pessoas Comuns. *Dados, In: Revista de Ciências Sociais*,Rio de Janeiro, Campus v.27, n.1.1984, p.20-44.
- 4 FIGUEIRA, Sérvulo A. *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média carioca*. Rio de Janeiro : Zahar, 1987.
- 5 - FORACCHI, Marialice. *A Juventude na Sociedade Moderna*.São Paulo: Pioneira, 1972. 168p.
- 6 GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. 321p.
- 7 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo : Vértice, 1990. 188p.
- 8 MACIEL, Luiz C. *Anos 60*. Porto Alegre : LP&M, 1997, 120p.
- 9 MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 232p.

- 10 MARTINS, Dulcinéia C. Entrevista n. 1, Rio de Janeiro, mar. 1999.
- 11 PETER, Entrevista n. 07, Rio de Janeiro, out. 1999.
- 12 PONTES, Cleber da S. *Contestação Social: História e análise de um movimento*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 67p.
- 13 RIDENTI, Marcelo. Que história é essa? In: *Versões e ficções: o seqüestro da história*, p.11-30. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- 14 ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões para a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Trad. Donaldson M. Garchagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. 301p.
- 15 SANTOS, Wanderley G. Transição em resumo: do passado recente ao futuro imediato. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, ano I, vol. 1, p.16-21, jun. 1986.
- 16 SOARES, Genecy. Entrevista n. 14. Rio de Janeiro, dez. 1999.
- 17 TAVARES, Carlos A.P. *O Que São Comunidades Alternativas*. São Paulo : Brasiliense, 1985. 101p. (Col. Primeiros Passos)